

## **Festival do Rio: “Elizabeth Bishop – Do Brasil com Amor”**

Vivian Ostrovsky é uma realizadora *sui generis*. Nascida em Nova York e criada no Rio, com residência hoje dividida entre NY e Paris, ela cultiva um cinema de vanguarda e faz curadorias do gênero pelo mundo afora. Sua filmografia consiste de curtas e médias-metragens, muitos deles em Super 8, que tematizam a Rússia de suas origens familiares, o Rio de Janeiro de suas raízes pessoais e o intenso trânsito entre Israel, os EUA e a Europa. São filmes que se acomodam mal no rótulo de experimentais, mas tampouco se fixam nas esferas do documentário ou da ficção. São híbridos por natureza, repletos de arquivos e observações bem-humoradas.

***Elizabeth Bishop: Do Brasil com Amor*** (*Elizabeth Bishop: From Brazil With Love*) é o seu primeiro longa, de parcos 68 minutos. Debruça-se sobre a vida brasileira da poeta estadunidense que aqui esteve entre 1951 e 1970. Não é exatamente uma cinebiografia, mas é talvez o filme mais linear e narrativo de quantos Vivian já assinou. O que não significa convencionalismo. Ao contrário, Elizabeth ressurgue por meio de uma intensa manipulação de materiais diversos, como fotos, animações, incrustações visuais, trechos de filmes outros e um tecido sonoro riquíssimo em que se mesclam ruídos naturais, alguma música e o áudio dos poemas e cartas da poeta.

A identificação entre Vivian e Elizabeth é reforçada pela voz da primeira lendo as cartas da segunda. Soa como uma perfeita simbiose. Na correspondência com outros poetas e artistas amigos, Elizabeth revelava-se uma cronista bem-humorada do olhar estrangeiro sobre o Brasil. Vindo de um período de depressão, ela encontrava no Rio, em Petrópolis e em Ouro Preto versões do paraíso na Terra. Mesmo considerando o Brasil um “país atrasado”, caiu de amores pela natureza, pela “bagunça” reinante, por um tucano e um gato de estimação, e principalmente pela arquiteta e urbanista autodidata Lota de Macedo Soares, com quem viveu um longo romance.

Enquanto esteve por aqui, Elizabeth encontrou motivos para reativar sua produção poética, ao mesmo tempo que eventualmente produzia textos sobre o Brasil para publicações estrangeiras. Recebia a visita de figuras como Aldous Huxley, Alexander Calder e Robert Lowell.

Em parceria com a codiretora e montadora Ruti Gardish, Vivian fez um filme cheio de camadas, articulando a jornada pessoal de Elizabeth com os fatos históricos do período. Contaminada pela amizade de Lota com Carlos Lacerda, ela acompanhou o conflituoso planejamento do Parque do Flamengo, liderado pela companheira, e viu com bons olhos o golpe de 1964: “uma rápida e bonita revolução”, como definiu. Logo em seguida a essa informação, Vivian insere uma cartela definindo o golpe e a ditadura que se seguiu, coisas que a mentalidade apolítica de Elizabeth só iria perceber tempos depois.

A abundância de textos escritos na tela ou oralizados no tom ameno de Vivian não sobrecarrega o filme. Em vez disso, confere uma sensação de serena intimidade. O recurso a arquivos os mais diversos e às animações originais, próximas do estilo pictórico de Norman Rockwell, criam uma dinâmica agradabilíssima.

Embora sejam em quase tudo diferentes, ou talvez por isso mesmo, o filme de Vivian faz um bom *pendant* com [Flores Raras](#), de Bruno Barreto, que coloca ênfase maior na relação amorosa entre Elizabeth e Lota. Para Vivian, amante dos trânsitos, o que mais importava era sondar o efeito Brasil na vida e na obra da poeta.

Carlos Alberto Mattos

SÁB (11/10) 15:30 Estação NET Gávea 4

DOM (12/10) 19:45 CineCarioca José Wilker 2

<https://carmattos.com/2025/10/11/festival-do-rio-elizabeth-bishop-do-brasil-com-amor/>

## **Festival do Rio: Elizabeth Bishop – From Brazil with Love**

Vivian Ostrovsky is a *sui generis* filmmaker. Born in New York and raised in Rio, now dividing her time between NY and Paris, she cultivates avant-garde cinema and curates works of the genre around the world. Her filmography consists of short and medium-length films, many shot in Super 8, that explore her family origins in Russia; her personal roots in Rio de Janeiro; and the frequent movement between Israel, the U.S., and Europe.

These are films that fit uneasily under the label of “experimental,” yet are not confined to the realms of documentary or fiction either. They are hybrid by nature, filled with archival material and infused with witty observations.

*Elizabeth Bishop: From Brazil with Love* is her first feature film, a modest 68 minutes long. It focuses on the American poet's years in Brazil, where she lived between 1951 and the 1970s. It's not exactly a biopic, but perhaps the most linear and narrative of all the works Vivian has signed. That, however, doesn't mean it's conventional. On the contrary, Elizabeth reemerges through an intense manipulation of diverse materials: photographs, animations, visual overlays, excerpts from other films, and a richly layered sound design interweaving natural sounds, some music, and audio recordings of the poet's letters and poems.

The identification between Vivian and Elizabeth is heightened by Vivian's voice reading Elizabeth's letters—it sounds like a perfect symbiosis. In her correspondence with fellow poets and artist friends, Elizabeth revealed herself as a witty chronicler of the foreigner's gaze upon Brazil. Emerging from a period of depression, she found in Rio, Petrópolis, and Ouro Preto her versions of paradise on Earth. Even while considering Brazil a “backward country,” she fell in love with its nature, its reigning “mess,” a pet toucan and a cat, and above all, with the self-taught architect and urban planner Lota de Macedo Soares, with whom she shared a long romance.

During her time here, Elizabeth found new reasons to rekindle her poetic production while also occasionally writing about Brazil for foreign publications. She welcomed literary figures such as Aldous Huxley, Alexander Calder, and Robert Lowell.

In partnership with co-director and editor Ruti Gardish, Vivian made a richly layered film, weaving together Elizabeth's personal journey with the historical events of the period. Influenced by Lota's friendship with Carlos Lacerda, Elizabeth followed the contentious planning of Flamengo Park—led by her partner—and viewed the 1964 coup favorably, calling it “a quick and beautiful revolution.”

Immediately after presenting this information, Vivian inserts a title card explaining the coup and the ensuing dictatorship—things that Elizabeth's apolitical mindset would only come to understand much later.

The abundance of texts displayed on screen or spoken in Vivian's gentle tone never weighs the film down. Instead, it imparts a feeling of serene intimacy. The use of varied archival materials and original animations, reminiscent of Norman Rockwell's pictorial style, creates an exceptionally pleasing rhythm.

Although they are in almost every way different — or perhaps precisely because of that — Vivian's film makes a fine *pendant* to *Reaching for the Moon (Flores Raras)* by Bruno Barreto, which places greater emphasis on the love relationship between Elizabeth and Lota. For Vivian, a lover of border crossings and transits, what mattered most was to explore the “Brazil effect” on the poet's life and work.

*Carlos Alberto Mattos 11/10/2025*